

O QUE VEM POR AÍ



# O que vem por aí

Marco Severo



*Para Marcos Rey,  
o escritor que me acompanhou na juventude  
e me acompanha vida adentro.*

## 1.

Existem crimes que ninguém esquece, pode passar o tempo que for.

Se você for jovem demais para ter esse tipo de lembrança, basta perguntar a alguém mais velho que estiver por perto. Todo mundo vai puxar algo da memória.

Mas é da Betty Mariano que eu quero falar. Sim, a influenciadora do TikTok com milhões de seguidores.

O assunto é recente, e ainda está nas mesas dos encontros de amigos, nas páginas dos sites de notícia, nos vídeos que andam fazendo circular em todas as redes sociais. Muita gente ainda permanece incrédula. Como assim, a Betty Mariano?, se perguntam. A menina que desde cedo chamou a atenção com seus vídeos espontâneos que miravam outras crianças e adolescentes, que rapidinho passou a fazer propagandas online e fez crescer até a declinante audiência da TV aberta; desfilou os produtos de sua marca nas passarelas sem ter qualquer intimidade com a área do mundo *fashion* e mesmo assim fazia os produtos esgotarem, que participou de filmes, gravou álbuns e criou uma ONG para defender os direitos dos animais? Pois é, ela mesma. Que também foi a menina que se tornou empresária de si mesma (bom, àquela altura ela já não era mais tão menina assim), que foi filmada diversas vezes dando esporro nos próprios funcionários, sempre com fãs a favor e contra a atitude e, sobretudo, a adolescente que fez os pais largarem seus empregos para viver da renda dela e acabou sendo acusada pela mídia de explorá-los. Mas vamos com calma, estou me adiantando.

O caso da Betty Mariano é justamente desses para os quais não existe unanimidade. Mais do que isso: é dos que vão ficar na memória coletiva, que são estudados nas universidades: seja na faculdade de psicologia, de sociologia, na de jornalismo ou, como no meu caso, na de publicidade.

O meu tempo, na verdade, é anterior a tudo isso. E o trabalho que faço, sinceramente, reúne um pouco de cada uma dessas áreas, de uma certa maneira. É, para compreender o que aconteceu com Betty Mariano e sua família é preciso que eu me apresente, já que eu também estou envolvido na questão.

Então vamos lá.

## 2.

Desde cedo a realidade se impôs para mim com bastante força.

Nasci numa sexta pela manhã, dentro de casa. A mesma casa onde cresci. E o motivo não era porque minha mãe tivesse algum tipo de misticismo ou fosse adepta de parto domiciliar, debaixo do chuveiro, nada dessas coisas. Ela preferiu me ter em casa porque no dia em que eu nasci meu pai estava foragido e tanto ela não tinha alguém pra levá-la ao hospital, como tinha medo de ser interrogada pela polícia bem no dia do nascimento do seu filho.

Meu pai era *gogo boy* em uma boate no Centro da cidade, de quinta a domingo. Nestes dias, à noite, era certeza encontrá-lo por lá. Nos outros dias, ele tinha que se virar. E este “se virar”, muitas vezes, significava ganhar dinheiro praticando atos ilícitos. Minha mãe contava que quando eu nasci ele havia sido preso porque foi pego fazendo entrega de maconha na casa de clientes de bairros ricos, como Aldeota e Meireles. Ele não usava, dizia que odiava até o cheiro e que a vida era melhor encarando as coisas com sobriedade, mas precisava de grana, como todo mundo.

— Ainda mais com um belo sujador de fraldas que nem você – ela me disse mais de uma vez, sorrindo.

Era tão acostumado com a prisão que a chamava de “sofá da sala”, como se não dormisse na mesma cama com minha

mãe porque haviam brigado. Mas ela não gostava dessas gaiatices. E claramente sentia falta dele, porque sempre que ele desaparecia e ela recebia a informação de que ele estava no xilindró, corria para o escritório do doutor Varela, onde oferecia o que podia para fazê-lo tirar meu pai da delegacia para onde era levado. Em muitas das vezes eu ia junto e, antes de entrar na minúscula sala onde ele atendia, recebia dela a instrução:

— Faça cara de choro.

Eu obedecia, claro, não apenas porque queria meu pai de volta em casa, embora raramente o visse, mas também porque eu gostava de vê-la de braços escancarados e sorriso no rosto, vendo meu pai descer os degraus na frente da delegacia, pronta para acolhê-lo. Em geral, o doutor Varela estava ao lado, vestindo seu terno amarrotado e puído, quase transparente, mas com respeitosa dignidade, fingindo alegria. O que ele aguardava ansiosamente era o fim daquele ritual: abraço e beijo ao pé da escada, seguido de um envelope contendo o dinheiro do seu pagamento, que minha mãe fazia depois de vender alguma coisa de dentro de casa esperando que meu pai repusesse depois. Eu mantinha distância dos meus pais porque entendia que aquele era o momento deles (com o passar do tempo, passei a acreditar que minha mãe no fundo gostava daquilo porque era uma maneira dela demonstrar que sempre estaria ali para o meu pai, quase como uma renovação dos votos de casamento) e do advogado porque nunca gostei do cheiro de cigarro, nem daqueles dentes amarelados que mostravam claramente que ali era um vício sem volta.

Quando chegávamos em casa eu o ouvia prometer que iria voltar a estudar e conseguir um emprego digno. Mas era só aparecer um novo gerente de casa noturna fazendo convites, ou um enviado de algum contraventor mandar o recado, que meu pai mais uma vez se metia nas dele. E o homem, além de se cuidar, tinha um ar sedutor e malandro que fazia todo mundo querer os seus serviços. Minha mãe não aprovava o

trabalho dele, mas quando via as contas pagas e um dinheiro sobrando para comprar os produtos de beleza que ela queria (naquele tempo ainda não se dizia *makeup* nem *skincare*) e as novidades em eletrodomésticos que ela desejava, por um tempo seu descontentamento arrefecia. Certa vez, para tentar convencê-lo a assumir não apenas a posição de *gogo boy* aos sábados mas também a gerência da casa nos outros dias da semana, os donos de uma rede de boates convidaram meus pais a conhecer outras unidades pelo Brasil, numa espécie de turnê que duraria duas semanas. Minha mãe voltou deslumbrada com o nível de organização dos sócios.

— Aceite, vai que em algum momento eles oferecem parte da sociedade a você também.

Meu pai apenas riu, mas talvez no fundo ele também alimentasse essa ilusão, como a coisa toda se provou meses depois, quando os donos foram pegos pela polícia federal e descobriu-se que na verdade eles queriam era colocar o nome do meu pai nas suas operações irregulares para que ele respondesse por tudo. Revoltado, meu pai parou de se apresentar nas casas noturnas e saiu de vez dessa vida. Sem alternativa, passou a trabalhar ainda mais para o mundo do crime e, competente, recebia propostas difíceis de recusar. Talvez compreendesse que, diante da oportunidade de crescimento oferecida pelos criminosos, dizer não e abandonar o serviço era também sair do perímetro através do qual aquela gente pudesse manter o olho nele, e ele sairia sabendo coisas demais. Em casa, dizia sempre.

— Entrei nesse beco sem saída e me mantenho nele por causa de vocês.

Meu pai tornou-se uma pessoa triste. Àquela altura, porém, já adolescente, foi quando eu comecei de fato a conhecê-lo, já que ele passou a parar mais em casa à noite na maioria dos dias da semana. Ou, pelo menos, só saía para aprontar as dele depois que eu já havia ido dormir. Eu o via andando pela casa de um lado para o outro, sempre preocupado.



Muitas das vezes, segurando um copo de geleia com alguma coisa alcoólica dentro, mesmo pela manhã. Adeus, discurso de sobriedade. Preocupado, tentei mil coisas para tirá-lo de dentro de casa. Era como se eu o estivesse convidando para que ele fosse meu pai porque, sem dizer, o que eu estava fazendo era trazendo-o para mais perto de mim e o afastando dos seus vícios. Foi durante nossas saídas que ele me disse uma coisa que eu nunca esqueci:

— O que a gente decide fazer com a vida da gente pode nos engrandecer ou nos endoidecer, Airton. A maior parte do tempo a gente vai se equilibrando entre uma coisa e outra. Mas nunca esqueça: o que nos move pra frente são as oportunidades.

Quando ele disse isso eu não sei se entendi muito bem. Mas de uma coisa eu estava certo: estivesse ele me alertando para algo, ou me aconselhando, foi quando disse aquela frase que eu compreendi que havia ali uma linha divisória entre a minha adolescência e a vida adulta. De alguma maneira, o que meu pai queria me dizer é que eu estava me tornando homem.

O que eu não poderia imaginar era que muito em breve eu teria que assumir essa posição.

### 3.

Desde que meu pai deixou a vida de *gogo boy* ele havia passado a se cuidar menos. Agora a lógica era inversa: quanto menos ele chamasse a atenção, melhor. Se houvesse olhos admirando sua beleza por onde passasse, ele perderia oportunidades de trabalho, porque no mundo da criminalidade você precisa ser rápido e discreto, quase um ninja.

Por causa disso, abandonou os cremes, loções, hidratantes e tratamentos de pele que fazia todas as noites. E, embora nunca tenha sido gordo, meu pai ganhou um pouco de peso

naquele período. Deve ter sido isso que fez com que ele tenha levado dois tiros de um policial durante uma fuga. Estava mais lento, não tinha a mesma sagacidade pra se desviar das balas. Depois que saiu do hospital, ficou preso alguns dias e, enquanto estava no “sofá da sala”, minha mãe veio falar comigo. Era uma conversa séria, sem enrolação:

— Você precisa arrumar um emprego e ajudar no sustento da casa. No mundo em que seu pai entrou o prazo de validade é mais curto do que de leite de saco. Mas mais do que isso, eu não quero que ele seja morto. E isso vai acontecer, se ele não parar. Na verdade, pelas estatísticas já era pra ter acontecido, mas ele tem sorte. Ele precisa se preservar mais, e você arranjar algo que bote alguma coisa na mesa pra gente comer.

Estava determinado a conseguir um trabalho digno para, de certa forma, aposentar meu pai.

Arranjei emprego com um fotógrafo que havia crescido um pouquinho mais na profissão e achou de montar um studio no Centro. Kléber, o nome dele. Havia começado fazendo foto 3x4 para o pessoal pregar em currículo ou colocar em documentos e depois começou a fazer fotos em casamentos pros ricos, e como dinheiro chama dinheiro e ele era um homem organizado, logo pôde juntar uma grana que o permitiu alugar uma sala, onde montou o tal studio. Era um local discreto, mas de fácil localização. Minha obrigação era receber os clientes, fazê-los aguardar na antessala, receber os pagamentos e atender telefonemas marcando sessões. Embora ele não assinasse minha carteira, eu gostava daquele safado. Kléber contava ótimas histórias, e tinha uma fala amigável, um tom de voz tranquilo que era um contraponto às agruras que eu vivia em família. Nunca havia desejado um irmão, mas lembro bem que naquele ano eu quis muito ter mais alguém com quem compartilhar o fardo de ser filho dos meus pais. Mas essa vontade logo passou: sofrer sozinho é muito ruim, mas o *sentimento* é sempre individual, só sabe como sente aquele que sente, e isso não dá pra dividir com

ninguém, é sempre debaixo da nossa pele que a gente entende quem a gente é.

Em casa, as coisas não melhoravam. Depois dos tiros, meu pai ficou com um andado meio manco.

— Agora eu não tenho mais pra onde ir. Ninguém mais vai querer os meus serviços porque tanto eu perdi em agilidade quanto agora sou facilmente reconhecível. E eu não tenho um centavo nem pra abrir uma banca e vender jogo do bicho.

Eu disse a ele que se despreocupasse. A gente ia passar por uns perrengues, mas fome ninguém ia passar. Minha mãe começou a vender produtos de beleza, o que também dava uma pequena ajuda mensal. Mas não adiantou muito. Meu pai definhava. Se antes a minha preocupação era fazer com que ele sáisse da vida de perigos noturnos e diurnos – a vida do crime não tem relógio e muito menos horário certo –, agora o meu receio era que ele morresse porque claramente não queria mais fazer nada da vida. Foi perdendo a energia de viver. Para um homem da idade dele, ainda bastante novo, aquilo não fazia sentido pra mim, que cresci numa sociedade que erradamente só associava doenças mortais a pessoas idosas. Foi por causa do meu pai que aprendi que gente jovem também morre.

O final do ano já ia chegando e o meu patrão resolveu dar uma pequena gratificação. Não chegava a ser um décimo terceiro, mas era um extra que chegou de surpresa. Resolvi pegar um ônibus e ir para uma praia mais distante, em Beberibe. Queria contemplar o mar, mergulhar um pouco e sentir o corpo preguento de maresia e sol. Descobri naqueles dias que eu gostava da luz solar e que não havia nascido para viver dentro de escritórios iluminados por luz de lâmpada.

Durante os meus dias na praia, liguei pra minha mãe duas vezes. Em ambas, ela disse que meu pai estava do mesmo jeito. Tentei não me preocupar, porque eu tinha ido para aquele lugar justamente para conseguir me resetar um pouco. Fui caminhar na orla pela manhã e, quando parei pra tomar uma

água de coco, o vendedor, Jeferson, que tinha uns dois anos a mais do que eu, começou a puxar assunto, falou que tinha sido expulso de casa pelos pais e que ia embora pra capital. Disse que era filho de pescadores, pessoas simples, mas também ignorantes, que não faziam o menor esforço para compreendê-lo, nem suas questões. Não fiz perguntas, porque eu sabia que ia ouvir uma enxurrada de tragédias, a sensação que eu tinha era que em todo canto que eu ia era pra ouvir história triste, e eu tava cansado de tristeza. Então eu só balançava a cabeça enquanto tomava meu coco, nem disse nada a respeito da minha vida também porque senão a coisa ia longe. Mas percebi que ele precisava desabafar, então fiz a água render.

Mas quem disse que a vida se importa?

Peguei o ônibus de volta na rodoviária e, quando cheguei em casa, minha mãe veio me receber de braços abertos, daquele mesmo jeito que ela fazia quando ia pegar meu pai na delegacia, chorando muito. Mas agora era um choro pra dentro, que entortava seu rosto num movimento que deixava a dor transparecer por inteiro. Eu já sabia o que havia acontecido, larguei minha mochila no chão e fui entrando na casa sem apressar o passo, como quem busca uma confirmação. O corpo de meu pai repousava num caixão, coberto por flores, as mãos numa posição ridícula, como se rezasse. Minha mãe estava bem atrás de mim.

— Quando você ia me contar que meu pai havia morrido?

— Ele morreu ontem pouco depois que nos falamos por telefone, meu filho. Ele já vinha muito fraco. O coração dele desistiu de bater. Não tinha como eu falar com você, então só autorizei o enterro para depois que você chegasse. Amanhã nos despediremos de seu pai.

Passei a noite velando por aquele homem que um dia havia sido para mim tão imenso quanto estranho: um enigma. Observei marcas em seu pescoço, mas minha mãe nunca me disse nada, e com ele enterrei qualquer outra hipótese.

Nos dias que se seguiram, sonhei com meu pai reunindo suas últimas forças, consciente de que se não fizesse aquilo *naquele momento* logo mais, pela maneira paupérrima como vinha se alimentando, não teria mais como fazer. Calculou que, não estando seu único filho em casa, teria também coragem. E foi. Sem dinheiro para terapia, eu também só fui. Os dias não andam pra trás, era preciso seguir.

No enterro, minha mãe segurava a minha mão. Éramos poucos no cemitério. De longe, percebi uma movimentação de pessoas que eu não conhecia. Achei que poderia ser alguma amante que apareceria para reivindicar algo, mas diante daquela penúria, talvez tivesse pensando: reivindicar o quê? Eu sabia que no fundo aquilo era coisa da minha imaginação, não acreditava que meu pai fosse homem de amantes. Não porque fosse um marido exemplar, mas porque vida dupla custa dinheiro, além de tempo, duas coisas que meu pai não tinha. De todo modo, havia sido um homem ousado, então vai saber.

— Você o amava? — perguntei à minha mãe.

— Do jeito que foi possível — respondeu. E você?

— Tudo o que eu for descobrindo que existe dele em mim será traduzido como amor. Vou saber durante o caminhar.

O tempo mostrou que teve sim, muito amor. Mas eu nunca chorei pela morte do meu pai.

## 4.

Nos primeiros dias minha mãe, acostumada que estava com a rotina de cuidados e preocupações, não sabia o que fazer. Encontrou então uma saída barata para a falta de oportunidade que o dinheiro demandava: para afugentar da cabeça a saudade de meu pai, ela passou a ir, me levando junto aos finais de semana, quando eu não tinha escola nem trabalho, às gravações de programas de auditório. Íamos a todos. Os das